Revista Concilium, Vol. 22, Nº 6
DOI: 10.53660/CLM-580-654
ISSN: 1414-7327

Estratégias de enfrentamento utilizadas por familiares em oncologia pediátrica

Coping strategies used by family members in pediatric oncology

Geovanna Marques da Silva[1], Kaíza Gabriele da Silva Souza[1], Elian Silva Oliveira[1], Bruna dos Reis Ferreira[1], Gabriela Castro dos Anjos[1], Isabela de Oliveira Salazar[1], Sara Silva Magalhães[1], Aline de Oliveira Silveira[2], Paula Elaine Diniz dos Reis[2]*

RESUMO

O câncer figura como a segunda principal causa de morte em crianças. Para lidar com esta doença, famílias usam de estratégias de enfrentamento, que fazem frente às adversidades que o paciente oncológico pediátrico passa, podendo ser adaptativas ou mal adaptativas. Este artigo apresenta algumas estratégias de enfrentamento que podem ser adotadas por familiares em oncologia pediátrica ao longo do tratamento e em cuidados paliativos. Foi realizada uma busca nas bases eletrônicas de dados PubMed, Biblioteca Virtual em Saúde, Scopus e *Web of Science*. Apoio familiar, social e externo são estratégias muito usadas durante o tratamento e são imprescindíveis, pois servem como suporte emocional e núcleo solidário no meio familiar. Nos cuidados paliativos, a espiritualidade e a religiosidade são as estratégias mais utilizadas, porém, existem duas perspectivas de como ambas são utilizadas: uma positiva e uma negativa. As estratégias mais adaptativas prevalecem durante o tratamento e as evitativas nos cuidados paliativos.

Palavras-chave: Oncologia pediátrica; Estratégia de coping no tratamento; Estratégia de coping em cuidados paliativos; Estratégia de enfrentamento familiar.

ABSTRACT

The cancer is the second main cause of death in children. As a result, families use strategies of coping, to face adversity the pediatric oncology patient passes, may be adaptive or poorly adaptive. This article presents some coping strategies that can be adopted by family members during treatment in pediatric oncology throughout treatment and in palliative care. A search was conducted in the electronic databases PubMed, BVS, Scopus and Web of Science. Family, social and external support are strategies that are often used during treatment and are essential, as they serve as an emotional support and solidarity center in the family environment. In palliative care, spirituality and religiosity are the most used strategies, but there are two perspectives of how both are used: one positive and one negative. The most adaptive strategies prevail during treatment and avoidative strategies in palliative care

Keywords: Pediatric oncology; Coping strategy in treatment; Coping strategy in palliative care; Family coping strategy.

[1] Acadêmicos do Curso de Graduação em Enfermagem, Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília (UnB), Brasília-DF.
[2] Professora Associada do Departamento de Enfermagem, Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília (UnB), Brasília-DF.
*E-mail: pauladiniz@unb.br

INTRODUÇÃO

No Brasil, assim como em vários países do mundo, apesar das melhorias no diagnóstico e tratamento, o câncer representa a primeira causa de morte por doença em crianças e adolescentes de 1 a 19 anos (INCA, 2022). No ano de 2019 foram registradas 2.704 mortes entre esta faixa etária e estima-se a ocorrência de 8.460 casos novos no ano de 2020 (INCA, 2022). Em todo o mundo, segundo a Agência Internacional de Pesquisa em Câncer (IARC, na sigla em inglês), estima-se que, todos os anos, cerca de 215.000 casos são diagnosticados em crianças menores de 15 anos (ACS, 2022; INCA, 2019).

O câncer infantil é concebido como uma doença ameaçadora, de repercussão multidimensional, que gera mudanças profundas e permanentes na vida da criança e da família (WEST et al., 2015; GAGE-BOUCHARD et al., 2017; SCHWERTNER et al., 2021). Ao receberem o diagnóstico as crianças e suas famílias sofrem uma intensa interrupção em suas dinâmicas relacionais e adentram no mundo da doença (DARCY et al, 2014; WEST et al, 2015). A criança doente e o tratamento tornam-se a força organizadora central na vida familiar (DARCY et al., 2014; LONG et al., 2015; WEST et al., 2015).

As pesquisas sobre as experiências da família na vivência do câncer infantil também têm focalizado na relação entre o funcionamento familiar, a avaliação e o manejo do câncer infantil e a qualidade de vida (VAN SCHOORS et al., 2019), assim como no estresse e no enfrentamento (TURNER-SACK et al., 2016; HEILFERTY, 2018). Nesse processo, a busca pelo equilíbrio é uma preocupação significativa dos pais durante a experiência do câncer da criança. A busca pelo equilíbrio no manejo da incerteza, do estresse, da sobrecarga, das mudanças constantes e da vida pública e privada é um desafio complexo para toda a família. A profundidade destas experiências deve ser reconhecida pelas enfermeiras para promoverem um cuidado centrado na família (HEILFERTY, 2018).

A família é o mais importante sistema de apoio social para a criança e precisa ser fortalecida. O suporte familiar está diretamente relacionado a maior ou menor capacidade de adaptação na experiência de câncer infantil (VAN SCHOORS et al., 2020). Muitas famílias lutam para se adaptarem aos complexos desafios que acompanham a trajetória de vivenciar o câncer e necessitam de compreensão e apoio específico por parte dos profissionais de saúde (VAN SCHOORS et al., 2020).

Assim, considerando-se o exposto, esse artigo tem como objetivo evidenciar e discutir as estratégias de enfrentamento familiar na experiência do câncer infantil, bem como tecer reflexões sobre o cuidado de enfermagem.

MÉTODO

Trata-se de um artigo de reflexão sobre as estratégias de enfrentamento familiar que podem ser adotadas ao longo do tratamento e em cuidados paliativos na oncologia pediátrica.

Para fundamentar a discussão sobre este assunto, foram realizadas buscas nas bases eletrônicas de dados PubMed, Biblioteca Virtual em Saúde, Scopus e *Web of Science*. Foram utilizados os descritores apresentados no Quadro 1 e estabeleceu-se como limite temporal publicações dos últimos dez anos.

Quadro 1. Estratégias de busca utilizadas nas bases eletrônicas de dados.

Bases de Dados	**Estratégia de Busca**
PubMed	((((family) AND (oncology)) AND (Pediatrics)) AND (Coping)) AND (Adaptation, Psychological) ;((coping strategies) AND (Pediatrics oncology)); ((Palliative care oncology)) AND ((Coping strategies))
Biblioteca Virtual em Saúde	(tw:(Pediatrics oncology)) AND (tw:(Coping strategies)) AND (tw:(Palliative)); ((coping strategies) AND (Pediatrics oncology)); ((((family) AND (oncology)) AND (Pediatrics)) AND (Coping)) AND (Adaptation, Psychological) "coping strategies" AND "pediatric cancer"AND"Family"
Scopus	((((family) AND (oncology)) AND (Pediatrics)) AND (Coping)) AND (Adaptation, Psychological); ((((family) AND (oncology)) AND (Pediatrics)) AND (Coping))
Web of Science	"Coping strategies" AND "pediatric cancer";(oncology AND pediatrics); oncology AND pediatrics AND strategies AND familiar; oncology AND pediatrics AND Brazil; (oncology AND pediatrics AND palliative)

Foram identificados 32 artigos que abordavam a temática. Destes foram selecionados 12 artigos publicados em periódicos que abordavam estratégias de *coping* ou enfrentamento familiar durante o tratamento e/ou cuidados paliativos pediátricos, no período de 2012 a 2022, escritos em português ou inglês.

Foram excluídos artigos que abordavam crianças diagnosticadas com câncer que durante o tratamento vieram a óbito e com amostra cuja faixa etária do paciente oncológico não fosse inferior a 18 anos. A seguir, são apresentados os achados dos artigos que descrevem as estratégias de *coping* adotadas por familiares de crianças com diagnóstico de câncer ao longo do tratamento e em cuidados paliativos.

O CÂNCER INFANTOJUVENIL E O IMPACTO NO ENFRENTAMENTO FAMILIAR

O padrão de enfrentamento familiar tem relação direta com o funcionamento psicológico e o crescimento pós-traumático de pais, irmãos e crianças sobreviventes ao câncer, os afetando, portanto, de forma única (TURNER-SACK et al., 2016). O relacionamento com a criança, o uso de estratégias de enfrentamento, a satisfação com a vida e o tempo de diagnóstico afetam as experiências pós-câncer dos familiares (TURNER-SACK et al., 2016). Nesse sentido, torna-se relevante refletir sobre o papel e as implicações para o cuidado de enfermagem centrado na família, com ênfase no reconhecimento dos diversos sofrimentos vivenciados, nos significados atribuídos aos elementos presentes na experiencia; assim como no apoio ao desenvolvimento de estratégias de enfrentamento ativas, que promovam um melhor ajustamento, adaptação e resiliência familiar na trajetória de vivenciar o câncer da criança.

O diagnóstico de câncer em uma criança torna toda a família vulnerável a resultados negativos (VAN SCHOORS et al., 2015). O diagnóstico, o tratamento e a subsequente sobrevivência ou luto exigem que toda a família altere as responsabilidades. As respostas da família como unidade ao diagnóstico de câncer exigem que os membros individuais lidem com as emoções e se comuniquem de forma eficaz. A maioria dos membros individuais da família demonstra resiliência no contexto do câncer, ajustando-se às novas demandas do diagnóstico e tratamento em um curto período (VAN SCHOORS et al., 2015). No entanto, alguns lutam contra, e é importante avaliar e intervir com essas famílias, tanto no nível individual quanto no sistema familiar como unidade (VAN SCHOORS et al., 2015).

A adoção de modelos teóricos de resiliência familiar no contexto da oncologia pediátrica é exigência para a fundamentação da prática de enfermagem. Um foco em fatores de proteção que promovem a resiliência é uma abordagem importante e promissora para lidar com o sofrimento

relacionado ao câncer em pacientes pediátricos e seus familiares (STEGENGA; LIU; HAASE, 2020).

As estratégias de enfrentamento adotadas pelos familiares fazem frente às adversidades que o paciente pediátrico enfrenta em decorrência da doença podendo ser adaptativas ou mal adaptativas. As estratégias adaptativas podem ser classificadas em enfrentamento ativo, de aceitação, através do apoio social, espiritual, enfrentamento focado na emoção e as estratégias mal adaptativas podem ser classificadas em evitativa, relacionada a efeitos psicológicos negativos dos familiares. O desenvolvimento dessas estratégias adaptativas é de suma importância para os familiares ao longo do período no qual a criança será submetida ao tratamento do câncer, pois estas estratégias de enfrentamento irão estimular a resiliência do núcleo familiar amenizando a ansiedade e a depressão dos familiares (CUTILLO et al., 2019).

ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DURANTE O TRATAMENTO

A expressão "estratégias de enfrentamento" se originou da tradução do termo inglês "*coping*" que segundo Antoniazzi, Dell'Aglio e Bandeira (1998) fundamenta-se em um conjunto de estratégias utilizadas pelas pessoas para se adaptam a circunstâncias adversas. Folkman e Lazarus (1984) adotaram a proposta de "*coping*" numa perspectiva dentro de uma abordagem comportamental-cognitiva que dividiram em duas categorias: 1) o *coping* focalizado no problema, ou seja, a situação a ser enfrentada que pode vir à ter mudança, migrando um esforço para a raiz, origem do stress causado pela situação incômoda e 2) o *coping* focalizado na emoção, onde não há como o fator estressante do momento ser modificado e, portanto, a estratégia será voltada para regular o estado emocional (ENUMO; MOTTA, 2004).

A constante rotina de cuidados durante o tratamento da criança, passa a ser exaustiva tanto física como psicologicamente, já que exige tempo e dedicação, e isso vai refletir diretamente na condição de saúde da família acarretando em sérios prejuízos físicos e psicológicos já que eles vivenciam diversos sentimentos como medo, desespero, incapacidade, o que faz com que os mesmos, como forma de escape, busquem estratégias como apoio familiar, social e/ou externo, no caso o profissional de saúde, além dos refúgios em sua crença divina (PAULA et al., 2019).

Estratégias usadas como apoio familiar, social e externo são imprescindíveis, pois servem como suporte emocional, além de fortalecer o núcleo solidário no meio familiar (BRUM; AQUINO, 2014). Muitos pais buscam nos outros a força de que precisam para continuar a batalhar, ampliando assim suas relações e se mostrando sensíveis e dispostos a receber e doar ajuda através de conversas que são consideradas esclarecedoras por alguns familiares, nas quais

podem aliviar suas angústias, medos e ansiedade que os acompanham desde o diagnóstico e ao longo do tratamento (DUARTE; ZANINI; NEDEL, 2012). Isso é dado com um tipo de apoio social, no qual indivíduos utilizam a situação para se comunicarem com outros, nestes casos, com alguém que está passando por algo semelhante e isso os auxilia a lidarem com todos os efeitos da situação que estão inseridos (WAWRZYNSKI et al., 2021).

Uma rede de apoio formada pelas famílias pode contribuir para superar alguns dos obstáculos do cotidiano vivenciados por eles e pela criança hospitalizada. Neste caso a família é como se fosse uma unidade que se relaciona com outras que estão ao seu redor, onde cada uma tem uma função e com isso cada um dá apoio uns aos outros, além é claro de se apoiarem em seu próprio núcleo familiar (DUARTE; ZANINI; NEDEL, 2012). A enfermagem vem tendo uma grande importância como apoio externo. Ela ajuda estimulando na criação de redes e vínculos que auxiliam no enfrentamento do cotidiano da hospitalização, além de se preocupar em incluir a família explicando e sanando dúvidas sobre os processos durante o tratamento (SILVA et al., 2022; SILVA et al., 2015; ANJOS; SANTOS; CARVALHO, 2015).

Estratégias como espiritualidade e religiosidade adotadas pelas famílias durante o tratamento, apesar de complexas vem como um meio de promover conforto frente ao diagnóstico da doença, sendo muito usadas no enfrentamento da quimioterapia infantil (JARAMILLO et al., 2019). Ambas surgem como um recurso utilizado pelos familiares envolvidos na rotina dos cuidados à criança com câncer para ajudar no manejo das situações difíceis, como as reações aos quimioterápicos, infecções decorrentes da fragilidade do sistema imune da criança, internações e demais dificuldades aparentes que afetam tanto a criança como os pais que muitas vezes se sentem incapazes (ALVES et al., 2016).

ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO EM CUIDADOS PALIATIVOS

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define os cuidados paliativos como atitude que proporciona a melhora da qualidade de vida para pacientes e seus familiares que encaram desafios e adversidades em consequência de doenças que ameaçam a vida (INCA, 2008).

A abordagem dos cuidados paliativos é realizada por meio da prevenção e do alívio do sofrimento, bem como da identificação precoce, da avaliação correta e do tratamento adequado para a dor, com foco nas necessidades do paciente. A relação de confiança e de conforto entre paciente, família e equipe de enfermagem é de grande importância durante o processo dos cuidados paliativos. Os enfermeiros, como agente profissional, devem estar abertos às demandas de ambos no que se refere a maneira como o assunto será abordado, preferencialmente de forma

clara e concisa, ajudando a sanar as dúvidas de como lidar com os sentimentos no momento. Fica a cargo do profissional de saúde ajudar no enfrentamento dos problemas de forma mais realista, além de apoiar na busca de soluções, quando possível (PEDRO; FUNGHETTO, 2005).

Um possível prognóstico de terminalidade e do avanço para os cuidados paliativos da criança ocasiona reações de estresse que influenciam no comportamento dos membros da família (PAULA et al., 2019; JARAMILLO et al., 2019; AMADOR et al., 2013; GREGORY et al., 2022). O fato de lidar com a doença modifica o ciclo social e oportuniza a procura por auxílios externos como a religião, tendo em vista os pais têm constantemente um sentimento de insuficiência aflorado (PAULA et al., 2019). A espiritualidade e a religiosidade foram termos muito abordados na literatura como estratégias de *coping* durante os cuidados paliativos de crianças com câncer, sendo, inclusive, umas das estratégias mais usadas entre os familiares (PAULA et al., 2019; JARAMILLO et al., 2019; AMADOR et al., 2013; GREGORY et al., 2022).

De acordo com uma pesquisa realizada no Instituto de Apoio à Criança com Câncer, no município de Barbalha (CE), a religiosidade e a espiritualidade se apresentam como fontes de esperança, apoio e conforto aos familiares. Na literatura ambas são abordadas em duas perspectivas. Uma positiva, que trata essa estratégia como forma de trazer conformidade, ou seja, aceitação do quadro clínico do paciente. E uma outra negativa que faz com que os familiares, em principal os pais da criança vejam tal acontecimento como uma penitência ou castigo divino por algo que fizeram, o que faz com que muitos também repensem suas crenças e fé já estabelecidas (ALVES et al., 2016; JARAMILLO et al., 2019).

CONCLUSÃO

As estratégias de enfrentamento adotadas pelos familiares apresentadas no presente artigo vão de encontro a diferentes perspectivas e do estágio da doença. Percebe-se que durante o tratamento as famílias optam mais pelo apoio social, familiar e externo e em parte buscam conforto na espiritualidade, o que vai de encontro com um tipo de enfrentamento mais ativo, ou seja, nesse estágio elas estão mais propensas a ter uma aceitação que visa um apoio mútuo entre o meio que estão inseridas e que mesmo por envolver muita emoção não se deixam abater por seu estado psicológico.

Em contrapartida ao se encaminhar para os cuidados paliativos, apesar de manter um enfrentamento ativo, o que prevalece são as estratégias evitativas, num montante sobretudo no que se refere a espiritualidade e a religião, as pessoas passam a repensar seus valores e suas crenças e se culpam pelo estado em que a criança se encontra.

Portanto, podemos concluir que aspectos macro influenciam no micro. Todo o conjunto de circunstâncias e crenças do paciente, da família e da realidade que eles estão inseridos e escolheram seguir será consequência de como será o enfrentamento. É muito importante que esses valores sejam trabalhados e aprimorados para gerar um comportamento menos angustiantes e estressantes. As estratégias utilizadas pelos profissionais em conjunto com a família, tanto no tratamento quanto nos cuidados paliativos irão ditar como será o estado emocional durante e ao fim do tratamento.

Ainda que haja lacunas e que mais pesquisas sejam necessárias para a plena implementação da avaliação e intervenção em resiliência familiar, destaca-se que é possível aproveitar as oportunidades de diálogo com as famílias para a identificação de necessidades, de forças e de recursos que possam ser atendidas e envolvidas colaborativamente em processos de enfretamento positivos.

REFERÊNCIAS

ALMICO, Thatianne; FARO, André. Enfrentamento de cuidadores de crianças com câncer em processo de quimioterapia. **Psicologia, Saúde & Doenças**, vol. 15, n. 3, p.723-737, 2014.

ALVES, Dailon de Araújo et al. Cuidador de criança com câncer: religiosidade e espiritualidade como mecanismos de enfrentamento. **Revista Cuidarte**, vol. 7, n. 2, p. 1318-24, 2016.

AMADOR, Daniela Doulavince et al. Repercussões do câncer infantil para o cuidador familiar: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Enfermagem**, vol. 66, n. 2, p. 264-270, 2013.

AMERICAN CANCER SOCIETY - ACS (Estados Unidos da América). Key Statistics for Childhood Cancers: American Cancer Society; 2022. Disponível em: https://www.cancer.org/cancer/cancer-in-children/key-statistics.html. Acesso: 29 de agosto 2022.

ANJOS, Cristineide; SANTO, Fátima Helena Espírito; CARVALHO, Elvira Maria Martins Siqueira. O câncer infantil no âmbito familiar: revisão integrativa. **Revista Mineira de Enfermagem,** vol.19, n. 1, p. 227-40, 2015.

AVANCI, Bárbara Soares et al. Cuidados paliativos à criança oncológica na situação do viver/morrer: a ótica do cuidar em enfermagem. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, vol. 13, n. 4, p. 708-716, 2009.

BRUM, Monize Viana; AQUINO, Giselle Braga. Estudo do impacto do tratamento do câncer infantil nos aspectos emocionais dos cuidadores de crianças com diagnóstico da doença. **Revista Científica da Faminas,** Muriaé, vol. 10, n. 2, p. 97-117, 2014.

CARDOSO, Laura Leffa et al. Percepção de familiares, crianças e adolescentes em Tratamento Oncológico, sobre o papel do Psicólogo. **Revista de Psicologia**, vol. 13, n. 46, p. 508-523, 2019.

CUTILLO, Alexandra et al. Coping strategies used by caregivers of children with newly diagnosed brain tumors. **Journal of Neurosurgery: Pediatrics**, vol. 23, n. 1, p. 30-39, 2019.

DARCY, Laura et al. The everyday life of the young child shortly after receiving a cancer diagnosis, from both children's and parent's perspectives. **Cancer Nursing**, vol. 37, p. 445-456, 2014.

DUARTE, Maria de Lourdes Custódio; ZANINI, Lisiane Nunes; NEDEL, Maria Noemia Birck. O cotidiano dos pais de crianças com câncer e hospitalizadas. **Revista Gaúcha Enfermagem**, vol. 33, n. 3, p.111-118, 2012.

GAGE-BOUCHARD, Elizabeth A. et al. Cancer communication on social media: examining how cancer caregivers use Facebook for cancer-related communication. **Cancer Nursing**, vol.40, n.4, p 332-8, 2017.

GREGORY, Dolan; DOUGLAS L Hill; PALMER, Laura; FEUDTNER, Chris. Addressing spiritual distress in pediatric oncology. **Pediatric Blood & Cancer Pediatric**, vol. 68, n.7, p.28991, 2022.

HEILFERTY, Catherine McGeehin. "Hopefully This Will All Make Sense at Some Point": Meaning and Performance in Illness Blogs. **Journal of Pediatric Oncology Nursing**, vol. 35, n. 4, p. 287–295, 2018.

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER. Ministério da Saúde alerta responsáveis e profissionais de saúde para o câncer em crianças. (Brasil). 15 fev 2019. Disponível em:https://www.inca.gov.br/noticias/ministerio-da-saude-alerta-responsaveis-e-profissionais-de-saude-para-o-cancer-em-criancas . Acesso em: 29 ago. 2022.

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER. Câncer infantojuvenil. (Brasil). 12 jun 2022. Disponível em: https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/tipos/infantojuvenil. Acesso em: 19 out. 2022.

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER – INCA (Brasil). Ministério da Saúde. Ações de enfermagem para o controle do câncer: uma proposta de integração ensino-serviço. 3ª edição, p.5-25. Rio de Janeiro (RJ): 2008.

JARAMILLO, Rosangela Garcia; MONTEIRO, Pedro Sadi; BORGES, Moema da Silva. Coping religioso/espiritual: um estudo com familiares de crianças e adolescentes em tratamento quimioterápico. **Cogitare enfermagem**, vol.24, p.e62297, 2019.

KAZAK, Anne E. et al. Psychosocial Assessment as a Standard of Care in Pediatric Cancer. **Pediatric Blood & Cancer Pediatric**, vol. 62, edição S5, p.S426-S459, 2015.

LONG, Kristin A. et al. Creating a Tenuous Balance: Siblings' Experience of a Brother's or Sister's Childhood Cancer Diagnosis. **Journal of Pediatric Oncology Nursing**, vol. 32, n. 1, p. 21–31, 2015.

MOTTA, Alessandra Brunoro; ENUMO, Sonia Regina Fiorim. Câncer infantil: uma proposta de avaliação das estratégias de enfrentamento da hospitalização. **Estudos de Psicologia** (Campinas), vol. 21, n. 3, p.193-202, 2004.

PAULA, Daniela Paola Santos et al. Câncer infantojuvenil do âmbito familiar: percepções e experiências frente ao diagnóstico. **Revista Cuidarte,** vol.10, n.1, p.570, 2019.

PEDRO, Eva Néri Rubim; FUNGHETTO, Silvana Schwerz. Concepções de cuidado para os cuidadores: um estudo com a criança hospitalizada com câncer. **Revista Gaúcha de Enfermagem,** vol. 26, n. 2, p. 210-19, 2005.

RECH, Bárbara Cristina Steffen; SILVA, Isabela Machado; LOPES, Rita de Cássia Sobreira. Repercussões do Câncer Infantil sobre a Relação Conjugal. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol.29, n.3, p. 257–265, 2013.

SCHWERTNER, Marília Von Ende et al. Estratégias de auxílio a famílias no enfrentamento do pós-diagnóstico de câncer infantil. **Revista Online de Pesquisa-Cuidado é Fundamental,** vol. 13, p. 443-450, 2021.

STEGENGA, Kristin; LIU, Qian; HAASE, Joan. **Resilience in Pediatric Oncology.** In: Hinds P., Linder L. (eds) Pediatric Oncology Nursing. Pediatric Oncology. Springer, Cham. 2020.

SILVA, Adriana Ferreira et al. Cuidados paliativos em oncologia pediátrica: percepções, saberes e práticas na perspectiva da equipe multiprofissional. **Revista Gaúcha de Enfermagem,** vol. 36, n. 2, p. 56-62, 2015.

SILVA, Ágata Gomes; COSTA, Jaida Souza; SILVA, Lúcia Araújo. Psicologia hospitalar: estratégias de enfrentamento utilizadas pelos familiares de crianças em cuidados paliativos em um hospital oncológico de referência na cidade de Manaus. **Residência Pediátrica,** vol.12, n.1, p.283, 2022.

TURNER-SACK, Andrea M et al. Psychological functioning, post-traumatic growth, and coping in parents and siblings of adolescent cancer survivors. **Oncology Nursing Forum**, vol. 43, p. 48-56, 2016.

VAN SCHOORS, M. et al. Systematic review: family resilience after pediatric cancer diagnosis. **Journal of Pediatric Psycholy**. vol. 40, n.9, p. 856- 868, 2015.

VAN SCHOORS, Marieke et al. Siblings' Experiences of Everyday Life in a Family Where One Child Is Diagnosed with Blood Cancer: A Qualitative Study. **Journal of Pediatric Oncology Nursing**, vol. 36, n. 2, p. 131–142, 2019.

VAN SCHOORS, Marieke et al. The family practice of support-giving after a pediatric cancer diagnosis: A multi-family member interview analysis. **European Journal of Oncology Nursing**, vol. 44, p. 101712, 2020.

VAN SCHOORS, Marieke et al. Family members dealing with childhood cancer: A study on the role of family functioning and cancer appraisal. **Frontiers in Psychology**, vol. 10, 2019.

WAWRZYNSKI, Sarah E et al. Social Support and Siblings of Children with Cancer: A Scoping Review. **Psico-Oncologia,** vol. 30, n. 8, p.1232- 1245, 2021.

WEST, Christina H. et al. Waiting to Return to Normal: An Exploration of Family Systems Intervention in Childhood Cancer. **Journal of Family Nursing**, vol. 21, n. 2, p. 261–294, 2015.

Recebido em: 01/10/2022

Aprovado em: 30/10/2022

Publicado em: 04/11/2022